



EMOÇÕES MASCULINAS NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

Gustavo Andrada Bandeira

Início de partida

Este estudo é um desdobramento de minha dissertação de mestrado¹ na qual investiguei um currículo de masculinidades nos estádios de futebol em Porto Alegre. Para tanto, observei oito jogos nos estádios do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (Olímpico Monumental, Olímpico) e do Sport Club Internacional (José Pinheiro Borda, Beira-Rio)². A partir dos estudos de gênero pós-estruturalistas e dos estudos culturais procurei observar as diferentes representações de masculinidades nos estádios e ver de que forma essas eram hierarquizadas. Nesta comunicação pretendo destacar como as emoções circulam durante as partidas e de que maneira elas atravessam as construções de masculinidades dos torcedores.

Com os referenciais dos estudos culturais, é possível afirmar que os estádios de futebol exercem uma pedagogia. É necessário aprender quando gritar, quando calar, o que gritar, o que calar, o que e como sentir... O conceito de currículo da ciência pedagógica pareceu-me produtivo para pensar as práticas exercidas nesse contexto. O currículo não foi aqui entendido como um caminho de início, meio e fim, onde os sujeitos sairiam de uma condição de não aptos até um lugar onde seriam diplomados e dali em diante poderiam exercer a condição de homem ou de torcedor de futebol em qualquer contexto cultural. O currículo seria mais bem entendido se pensado como uma série de prescrições, algo que os sujeitos são reiteradamente convidados a fazer.

As emoções e os sentimentos atravessaram de forma significativa esse currículo de masculinidade torcedora dos estádios de futebol, com destaque para as narrativas amorosas. É recorrente em nossa cultura um entendimento de que sentimentos e emoções como o amor são algo natural, inato. Não são poucos os enunciados que destacam as emoções como condição de humanidade. Quem não possui os sentimentos adequados frente a um determinado fenômeno poderá ser adjetivado em casos mais graves de monstruoso. Ao mesmo tempo, o controle das emoções é recheado de valores positivos dentro de diferentes modalidades discursivas, desde o

¹ “Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração: currículo de masculinidades nos estádios de futebol”, defendida em março de 2009 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Prof^a Dr^a. Guacira Lopes Louro.

² De agora em diante, me refiro aos clubes apenas como Grêmio e Internacional e aos estádios Olímpico e Beira-Rio.



cristão que não se deixa cair em tentação até o centroavante que não teme o estádio cheio na hora da conclusão a gol.

Não entendo as emoções ou o amor como estados subjetivos e privados, mas como práticas discursivas envolvidas em relações de poder. Com os sentimentos narrados é possível identificar o que é adequado sentir ou não naquele contexto, incluindo o que é possível de ser entendido como emocionante nos estádios de futebol. O entendimento de que o amor e as emoções não são naturais ou inatas não visa diminuir o envolvimento dos indivíduos ou mesmo as sensações viscerais como os choros, os enjoos ou as tonturas de uma partida de futebol. Essa perspectiva auxilia no entendimento de que essas emoções presumem uma inscrição em uma comunidade de sentimentos, sentimentos esses que são aprendidos em diferentes processos pedagógicos dentro e fora dos estádios de futebol. Esse aprendizado, inclusive, é avaliado e exige certa contrapartida, feita em ocasião das partidas

Um esquema de jogo: formas de encarar o campo de pesquisa

Assim como não é possível escolher um esquema de jogo, sem conhecer os atletas disponíveis para cada função, as estratégias metodológicas não podem ser pensadas com valor em si mesmas. O material empírico, que por definição pode ser entendido como um recorte da realidade, não está dado nos contextos culturais em que nos aventuramos a pesquisar. Formas diversas de olhar para um ‘mesmo fenômeno’ poderão produzir resultados divergentes e até mesmo contraditórios. Por esse conceito, entendo ser significativo gastar um breve espaço dessa comunicação para comentar as escolhas que consegui fazer. A partir do meu ‘grupo de atletas’ como coloquei minha ‘equipe’ para jogar nesse campo de pesquisa.

Como os olhares são sempre parciais e localizados, ao falar de emoções masculinas nos estádios de futebol, entendo ser importante tocar brevemente em minha trajetória de homem torcedor de estádio. Sou gremista e frequento o estádio Olímpico desde 1988 (uma vida inteira para quem nasceu em 1983). Como nas ciências humanas e sociais, essa ‘pureza’ científica e essa diferenciação entre o local da pesquisa e o da experiência, a condição de pesquisador e nativo quando pesquisamos a sociedade em que vivemos e um fenômeno cultural que nos constitui apresenta um limite bastante tênue, a localização explícita de envolvimento com o fenômeno é uma tentativa de expor as implicações do pesquisador (as minhas implicações) com o tema e alguns dos atravessamentos que tornam possíveis os questionamentos das próprias interpretações e permitem,



de algum modo, encorajar o leitor ou a leitora a arriscarem-se a agregar a sua interpretação ao material apresentado.

Ter frequentado os estádios dos dois grandes clubes de Porto Alegre constituiu-se em uma escolha acertada para um gremista ‘desde o nascimento’. Mesmo que já tivesse frequentado diversos Gre-Nais (todos no Olímpico) e escutado diferentes cânticos da torcida do Internacional, ouvi-los de ‘dentro’ foi uma experiência bastante distinta. Os cânticos tantas vezes escutados no Olímpico adquiriram outro sentido no Beira-Rio. Definitivamente, cantar ou escutar o mesmo cântico são experiências bastante distintas. Dentre as escolhas metodológicas permiti-me fazer alguns usos de etnografia com observações participantes e construção de diários de campo. Assumi, para além das transcrições e relações, um esforço em descrever os acontecimentos nos diários de campo (GEERTZ, 1989). Para não ficar apenas com as minhas impressões sobre as atitudes dos torcedores, pareceu-me produtivo analisar jornais da cidade de Porto Alegre, nos dias de jogos e posteriores, com objetivo de observar como os mesmos ‘preparam’ o ambiente do estádio de futebol e depois como interpretam os fenômenos que lá ocorreram. A seleção desses diferentes materiais, as manifestações das torcidas nos estádios e os textos veiculados em jornais, pretendeu representar diferentes vozes desse contexto. A ideia foi partir desses diferentes olhares para produzir outro olhar sobre as representações de masculinidades que ali apareceram e quais as emoções desejadas e permitidas nos estádios.

Arlei Damo (2006) entende que o futebol se divide em quatro categorias de agentes: os profissionais, os torcedores, os dirigentes e os mediadores especializados. Os profissionais seriam os jogadores, treinadores e preparadores envolvidos com os jogos. Os torcedores se constituiriam no público que pode ser dividido em diferentes formas: se frequentam ou não os estádios; que locais dos estádios frequentam; se assistem aos jogos sozinhos ou em grupos; seu interesse ou envolvimento durante as partidas. Os dirigentes podem ser profissionais ou amadores filiados aos clubes ou as federações. Os mediadores especializados (ou simplesmente especialistas) são profissionais que trabalham na espetacularização do futebol e produzem narrativas sobre os eventos futebolísticos. Esses mediadores são responsáveis por grande parte dos espaços jornalísticos como a televisão, rádios, jornais impressos e *internet*. Eles podem ser profissionais da comunicação ou ex-atletas e ex-dirigentes que teriam a função de ‘explicar’ os eventos para o público que de alguma forma não seria ‘apto’ a lê-los sozinho. Essas quatro categorias de agentes podem ser borradas em diversas situações.



Não pretendi investigar as torcidas de Internacional e Grêmio em qualquer contexto. Meu olhar esteve voltado para uma prática específica de torcer: nos dias de jogos e dentro de seus estádios. O torcer e o torcedor estão diretamente implicados com o estádio, sua ‘casa’. Como lembra Roberto DaMatta, “sabemos e aprendemos muito cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa e, mesmo assim, dentro de alguns de seus espaços” (1997, p. 50). Existem diferentes instâncias nas quais os sentimentos de pertencimento a um clube ou a uma torcida podem ser vividos e demonstrados. Algumas performances, porém, parecem mais adequadas dentro dos estádios. Nos estádios, o vocabulário abrange uma série de termos jocosos com conotações sexuais, como nos confrontos verbais entre torcidas adversárias. Ainda que se saiba que, além de torcedor de futebol, os sujeitos têm um gênero, uma raça/etnia, uma geração, uma idade, uma sexualidade... dentro dos estádios, a lógica de pertencimento é hierarquizada de forma distinta, fazendo com que o marcador social mais relevante para a representação dos sujeitos seja o de torcedor de um time A ou B, como fica evidente em uma faixa no estádio Olímpico: “*Sou gremista e me basta*”. Essa mesma pertença ao clube ou a comunidade afetiva dos torcedores nem sempre pode ser verificada com a mesma intensidade em outros locais da cultura, “no estádio, um colorado xingar a todos os gremistas, mas fora dele só gozará os (nos) que pertencem a sua rede de sociabilidade, normalmente a mais próxima ou intensa – amigos, parentes, colegas de trabalho, vizinhos e assim por diante” (DAMO, 2005, p. 99).

Christian Bromberger salienta que durante as partidas (ou outros eventos esportivo) aparecem “as dimensões salientes da experiência social e cultural (a relação com o corpo, a afirmação das identidades, o lugar da competição nas sociedades contemporâneas, as novas formas de heroísmo...)” (2008, p. 241). Entendo os estádios de futebol como instituições que possibilitam determinadas práticas e outras não. Procurei visualizar as ações que produzem determinadas representações de masculinidades e a explicitação de determinados sentimentos por esses sujeitos coletivos: ‘torcida do Grêmio’ e ‘torcida do Internacional’. Quais as emoções são possíveis, permitidas e desejadas nesse ambiente?

Sujeitos coletivos esses, envolvidos em uma festa! Pensar os estádios de futebol nos dias de jogos como um local de festa permite borrar algumas fronteiras, como a de público e privado. No estádio se está, ao mesmo tempo, em casa e no espaço público. Rita Amaral (2001) comenta que nas festas acontece uma diminuição da distância entre os indivíduos, uma “efervescência coletiva” e a transgressão de algumas normas coletivas. Nem tudo é permitido nas festas, assim como as identidades individuais não são apagadas. A ideia de festa permite pensar que as hierarquias entre



os sujeitos mudam, que ações condenáveis em ambientes ‘sérios’ são permitidas. A autora comenta que para Durkheim, nas festas, assim como na religião, o indivíduo passa a ser nomeado pelo coletivo. Seria o futebol um espetáculo ou uma festa? Talvez os dois. Por mais que apenas os jogadores joguem, as arquibancadas e as cadeiras também produzem o seu modo de participação e até mesmo de espetáculo. Torcer não é apenas assistir. Assistir o jogo é apenas uma das possibilidades da festa nos estádios, “*Inter, estaremos contigo/ Tu és minha paixão/ Não importa o que digam/ Sempre levarei comigo/ minha camisa vermelha/ e a cachaça na mão!/ O gigante me espera/ para começar a festa!/ xalaialaiaa .../ você me deixa doidão/ xalaialaiaa .../ Inter do meu coração*³”.

Emoções masculinas: resistência de gênero?

Como toda produção identitária, a do torcedor de futebol também é múltipla, fragmentada e provisória. As masculinidades construídas nos estádios de futebol possuem marcas particulares (algumas das quais talvez pouco coerentes com o modelo usual de masculinidade, a tão repetida “masculinidade hegemônica”). Formas de afeto ‘ambíguas’ são, aí, permitidas. “É pelo futebol que o homem chora, sem nenhuma vergonha, pelas conquistas e derrotas do time” (MORATO, 2005, p. 75). O futebol aproxima o sujeito de demonstrações de carinho com outros homens, o que em nossa sociedade heteronormativa poderia ser visto, quase, como subversivo.

Penso que essas demonstrações afetivas produzem uma espécie de deslizamento entre o permitido e o proibido em contextos de masculinidades heterossexuais, “não é suposto [aos homens] exprimirem livremente sentimentos e emoções que ponham em causa a imagem de força e auto-suficiência masculinas” (ALMEIDA, 1995, p. 213). No futebol o homem jura amor eterno a um clube. O amor pelo clube obedece a algumas regras do amor romântico e não pode ter fim. Algumas canções das torcidas fazem “a vinculação do amor-paixão-sacrifício (...) associado a ideia de que o amor verdadeiro jamais acaba” (FELIPE, 2007, p. 33), “*Mesmo não sendo campeão/ O sentimento não se termina/ É tricolor, e dale tricolor*”; “*Colorado é coração./ Trago, amor e paixão./ Pra sempre Inter!*” O amor romântico, historicamente construído como vinculado ao feminino e à intimidade, aparece legitimado no espaço do torcedor de futebol. A fidelidade ao clube também obedece a lógica do amor romântico, que narra que um amor verdadeiro (ou melhor dito ‘o’ amor verdadeiro) nunca termina. “*Sou Colorado e nada muda este sentimento /Porque é nas*

³ A forma gráfica como escrevi as letras dos cânticos é igual a dos sites das torcidas Popular do Internacional (<http://www.guardapopularcolorada.com/>) e Geral do Grêmio (<http://www.ducker.com.br/>).



más que eu demonstro que te amo igual". O amor de um gremista ou de um colorado jamais será entendido ou 'sentido' do mesmo modo por um torcedor de outro clube, a "vivência amorosa é de tal ordem que o sujeito tem a pretensa ilusão de que nunca ninguém foi ou será capaz de sentir o amor com tamanha intensidade, força e dedicação" (FELIPE, 2007, p. 38), como, por exemplo, no cântico da torcida do Grêmio "*Olha a festa macaco/ Torcida é coração/ Quem não canta é amargo/ Nunca vai sair campeão/ Inter cagão*".

Historicamente, "aqueles homens que foram muito influenciados por tais ideais de amor foram isolados da maioria como sendo 'românticos', em um sentido peculiar desse termo. Eles são, digamos assim, sonhadores adamos que sucumbiram ao poder feminino" (GIDDENS, 2003, p. 70). É produtivo pensar que essas masculinidades românticas, que juram amor eterno e proclamam seu amor como único e inatingível aos outros, são as mesmas que reiteram uma constante disposição para os confrontos físicos, além de diversas manifestações homofóbicas e misóginas. É possível verificar com essa 'incoerência' como as masculinidades podem ser múltiplas e cambiantes e, como qualquer marcador identitário, podem ser assumidos em determinado momento para serem rejeitados em outro. No mesmo contexto em que se valorizam uma virilidade exacerbada se cantam afetos e amores nem sempre permitidos em outros locais da cultura.

O próprio ambiente festivo dos estádios, a festa da torcida e a ingestão de álcool⁴ podem ser utilizadas como justificativas para essa exaltação de sentimentos.

O álcool pode ajudar à sentimentalização. Aqui dá-se a possibilidade de exteriorização poética ou cantada de emoções normalmente consideradas feminilizantes, como o amor, a saudade, a caridade e a compaixão. Se a situação for particularmente festiva, pode-se verificar uma atmosfera que se aproxima do carnavalesco, a qual, no Carnaval propriamente dito, pode assumir a forma de travesti (ALMEIDA, 1995, p. 65).

No dia 10 de março de 2008, *Zero Hora* publicou uma foto de dois jogadores do Internacional abraçados e destacou na legenda como essa ação parecia pertinente nesse espaço, "Orozco comemora o gol do amigo Magrão dando-lhe um abraço por trás, uma imagem que virou comum nos gramados" (2008, p. 7). Mesmo "comum" essa ainda é uma imagem que mereceu destaque. A conclusão de permissividade dada ao abraço dos jogadores do Internacional não está incorreta necessariamente. Acredito, porém, que se o abraço fosse dado em outro momento que não o do gol, ele não seria tão permitido assim. Se os jogadores abraçados fossem da equipe adversária provavelmente seriam alvo de manifestações homofóbicas. Conseguiríamos ver esse abraço "que virou comum nos gramados" entre jogadores de clubes distintos?

⁴ No jogo entre Internacional e Brasil de Pelotas, observei uma faixa na Popular com os dizeres: "*Estamos todos bêbados*".



O homem torcedor: um engajamento pela emoção

Nesse breve espaço procurei mostrar algumas manifestações dos torcedores, de jogadores de futebol e da imprensa esportiva que ajudam a produzir um contexto de emoção nos estádios de futebol e que fizessem certo deslocamento da representação de masculinidade heterossexista e viril dos envolvidos no espetáculo futebolístico. Para responder afirmativamente a estética dos estádios, o torcedor precisa engajar-se em uma comunidade afetiva. Nesse engajamento, é produzida uma identificação que transforma os outrora indivíduos múltiplos em torcedores de seus clubes. A vinculação entre torcedores e seus clubes ultrapassa em muito as partidas de futebol. Fazer parte de uma torcida pode vincular os indivíduos a um histórico familiar ou regional. A existência de um sentimento parece legitimar essa relação dos sujeitos torcedores com seus clubes e atravessa a construção de masculinidade dos mesmos.

Essa identificação com o que se poderia chamar de ‘torcida’ não é um processo de homogeneização. Porém, nos estádios de futebol, o marcador ‘torcedor’ assume uma relevância preponderante em relação aos demais atravessamentos dos sujeitos. O amor dos torcedores de futebol, especialmente o dos torcedores de estádio, é um amor com suas especificidades. Ele é um amor em atuação, um amor que se demonstra nos cânticos, um amor que é narrado e sentido de forma coletiva. Essas manifestações dentro da ‘nossa torcida’ (talvez não seja muito adequado amar como ama a torcida deles, até mesmo porque eles, ‘os adversários’, nem mesmo amam com a mesma intensidade que nós) acontecem entre familiares, entre ‘chegados’, entre aqueles que são do mesmo “pedaço”⁵, é um amor vivido e representado entre homens.

Esse amor é dirigido ao clube, ao time, aos jogadores e a própria torcida. É um amor que poderia ser aproximado ao amor à pátria (uma vez que as torcidas poderiam ser os exércitos do clube, sua nação), mas esse amor também segue regras de um amor heteronormativo de casal. Do mesmo modo que os torcedores aprendem diferentes representações de masculinidades e que ações são adequadas para um torcedor nos estádios, eles também aprendem o que é adequado ou não sentir nesse contexto específico. Esses sentimentos são reforçados e reafirmados nos jogos, o que possibilita a ideia de uma breve unidade produzida nos estádios de futebol durante as partidas. Amar ao clube é pertencer a comunidade afetiva dos torcedores, é demonstrar a eternidade do amor, é ser melhor torcedor por amar mais o seu clube que o torcedor adversário. Dentro da própria torcida, quanto mais apaixonado, o torcedor poderá hierarquizar-se frente aos demais torcedor.

⁵ Ver MAGNANI, 2002.



No senso comum, quando se pensa nas torcidas de futebol que frequentam os estádios, violência e masculinidade se confundem para pensar nesse local como uma instância perigosa. As emoções poderiam ser entendidas como uma possibilidade privilegiada de resistência contra masculinidades tradicionais e machistas nos estádios de futebol?

Dentro das representações de masculinidades (no caso de meu trabalho, gaúchas) dos estádios, uma situação ‘surpreendente’ é a grande possibilidade de contatos físicos entre os torcedores. Saltos de um lado a outro abraçados, a exposição de determinados corpos (jovens, definidos...) sem camiseta, a emoção e os abraços ‘desconhecidos’ na hora do gol... Os próprios jogadores, que possuem na virilidade um de seus atributos, abraçam-se com frequência. Seria ingênuo, porém, acreditar que existe uma quebra das restrições quanto aos afetos entre homens nos estádios de futebol. Não se abraçam sujeitos tão desconhecidos assim. O amor ao clube é cantado por quase todos no estádio (por uns com maior intensidade que outros), porém os toques parecem mais restritos. É possível visualizar, inúmeras vezes, torcedores que comemoram um gol absolutamente sozinhos em meio à multidão. Além disso, o abraço do gol não parece possível, por exemplo, entre um torcedor e os vendedores ambulantes dos estádios.

Ao mesmo tempo em que o amor e as emoções podem ampliar as representações das masculinidades dos torcedores de futebol, também podem associar-se a representações mais tradicionais, reforçando a competição masculina. O amor que resiste a algumas práticas machistas e homofóbicas dos estádios também hierarquiza as masculinidades. Mesmo que o amor não seja o atravessamento mais significativo da masculinidade do torcedor de futebol, se for para amar, precisamos amar mais que os torcedores adversários para sermos melhores e mais masculinos que eles.

Alguns poderão dizer que o amor ou a paixão cegam os torcedores frente aos eventos futebolísticos⁶. Porém, é esse amor ou essa paixão que fazem com que os mesmos entrem na lógica do pertencimento, fundamental para a fruição do espetáculo esportivo. “A paixão amorosa cria uma realidade tão real quanto qualquer outra” (COSTA, 1998, p. 198). Procurar um futebol sem esse amor ou colocar os sujeitos ‘amantes’ de seus clubes em patamares menos nobres é ignorar um dos elementos mais significativos dessa forma de se relacionar com o esporte mais popular do Brasil. O futebol sem amor não parece ser o mesmo futebol dos torcedores dos estádios!

⁶ A paixão do torcedor poderia implicar em uma incapacidade de observar os acontecimentos, como nessa descrição do colunista Pedro Ernesto Denardin, “e nem mesmo seus torcedores concordam com ele, porque, afora os fanáticos (aqueles que enxergam tudo distorcidamente pela paixão), todos os demais colorados sabem que o time foi um desastre contra o Juventude e não cabe reclamar da arbitragem” (2008, p. 14)



Referências

- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- AMARAL, Rita. Festa como objeto e como conceito. In: _____. *Festa à brasileira – sentidos de festejar no país que não é sério*. Tese de doutorado, São Paulo, PPGAS/USP, (e-book), 2001.
- BROMBERGER, Christian. As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia. In: *Horizontes Antropológicos. Antropologia e esporte*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 14, n. 30, jul./dez. 2008, p. 237-53.
- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 5ª ed., 1997.
- DAMO, Arlei Sander. O *ethos* capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006, p.39-72.
- _____. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DENARDIN, Pedro Ernesto. Sem choradeira. *Diário Gaúcho*. Porto Alegre, 15 e 16 mar. 2008. Pedro Ernesto, p. 14.
- FELIPE, Jane. Do amor (ou de como galmourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa. et al. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Editora da FURG, 2007, p. 31-45.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989, p. 13-41.
- GIDDENS, Anthony. Amor, compromisso e o relacionamento puro. In: _____. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 2003, p. 59-75.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002, p. 11-29.
- MORATO, Márcio Pereira. A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. In: DAOLIO Jocimar (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 73-104.
- QUE carinho! *Zero Hora*. Porto Alegre, 10 mar. 2008. Caderno de Esportes p. 7.
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.